

# **ANDRE CHARLES E RUPAUL: UMA NARRATIVA *DRAGQUEEN* NO CONTEXTO *POP* CONTEMPORÂNEO**

FELIPE PETIK PASQUALOTTO <sup>1</sup>  
RICHARD LUIS DE SOUSA PERASSI <sup>2</sup>  
MARÍLIA MATOS GONÇALVES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, felipepetik@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor Universidade Federal de Santa Catarina, richard.perassi@uol.com.br

<sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, marilinhamt@gmail.com

## **RESUMO:**

Neste artigo, conceitos e arranjos da teoria Semiótica Discursiva, baseada no signo dual saussureano e no percurso gerativo de sentido greimasiano, são adotados na leitura de uma narrativa cultural contemporânea, expressa publicamente por imagens fotográficas registradas no ambiente artístico-social da cena *Pop* e no cenário televisivo do *reality-show* “*RuPaul’s DragRace*”. Tal narrativa informa sobre duas personas: (1) Andre Charles (performer) e (2) RuPaul (*dragqueen*), que são suportadas por uma mesma estrutura biofísica, apesar de expressarem diferentes identidades psicossociais. No texto, são enfatizados os sentidos de “ambiguidade” e “transição”, como temas profundos do nível fundamental da narrativa. Também, são propostas as ideias de “hiperfeminino” e “hipomasculino”, como termos participantes do sentido de ambiguidade na performance *dragqueen*.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Performance de Gênero; Dragqueen; Cultura Pop; Discursividade Fotográfica; Semiótica.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, ainda persistem as discussões sobre sexo e gênero na constituição da identidade dos sujeitos sociais. Isso implica também a consideração da cultura e da palavra *dragqueen* como expressões de um conceito. Especialmente, diante da crença compartilhada por alguns sobre o papel central das características biológicas físico-corporais, como aspectos definidores na maneira do sujeito humano deve sentir-se ou expressar-se sob o gênero masculino ou feminino. Aliás, há uma relação de poderes baseada nesses critérios (CARRARA, 2010). Por isso, no contexto político-cultural, social ou artístico, ainda parece ser revolucionária a proposição de que o sujeito tem autonomia para escolher práticas expressivo-discursivas, verbais, visuais e performáticas, para comunicar socialmente, de maneira continuada ou eventual, uma identificação de gênero.

A etimologia da palavra *dragqueen* é controversa, tendo sido originária do início do século XX, para designar atores que, no teatro interpretavam papéis femininos, superando assim os impedimentos à participação de mulheres no palco.

O termo *drag* é uma contração verbal, resultando em um acrônimo para a expressão *dressed as girl* (vestido como mulher). Por sua vez, o termo *queen* é indicado como uma variante da antiga palavra inglesa *quean*, que indicava o comportamento afetado e exagerado da nobreza e, pejorativamente, era também atribuído a mulheres promíscuas e homens homossexuais.

Outra expressão utilizada para denominar os “homens vestidos de mulher” era “*female impersonator*” (que em tradução livre seria algo como: imitadores de mulher), ainda em uso até hoje, mas rechaçado por muitos que adotam a prática sob a justificativa de que sendo homens a priori, não poderiam nunca “se passar por uma mulher”. No caso de mulheres estilizadas como homens, utiliza-se o termo *dragking*.

Tradicionalmente, portanto, *dragqueens* são artistas performáticos que se travestem, inclusive de maneira cômica ou exagerada, com o intuito de criar personagens estilizadas femininas em uma atuação artístico-profissional. Nessa perspectiva, a palavra *dragqueen* designa geralmente um homem que assume uma persona estilizada feminina, através de vestimentas, acessórios e trejeitos.

Cabe assinalar que, como categoria, a palavra *dragqueen* não caracteriza rigorosamente uma identidade sexual, porque a inserção do sujeito nessa cultura específica não é necessariamente condicionada por sua orientação afetivo-sexual. Recorrentemente, a

caracterização costuma ser dedicada à expressão de discursos críticos aos costumes e à política, através de performances artísticas. Mais especialmente, trata-se de questionar expectativas, restrições sociais e estereótipos, sobre o que é próprio ou impróprio para homens e mulheres.

Butler (2003) considera que as caracterizações de *dragqueen* constituem expressões de gênero. Contudo, isso é mais coerente com o emprego do verbo “estar” e não do verbo “ser”. Ninguém é permanentemente *dragqueen*, apesar de circunstancialmente estar nessa condição, em performances temporárias ou pontuais. Geralmente, não é alterada a percepção do indivíduo sobre seu sexo biológico. Por isso, trata-se de uma situação diferente da assumida por sujeitos transexuais que, de maneira constante ou permanente, buscam modificar seus modos, sua expressividade e até mesmo seus corpos, em correspondência ao gênero e, às vezes, ao sexo com o qual se identificam.

## 2. ASPECTOS CONTEXTUAIS E DISCURSIVOS DA NARRATIVA

De acordo com informações disponíveis ou notícias publicadas na mídia cultural, com enfoque em Moda, Arte e Espetáculo, no contexto contemporâneo, o papel do sujeito *dragqueen* é especialmente configurado nas estratégias e nas ações de comunicação do *reality-show* estadunidense "*RuPaul's DragRace*". Trata-se de um programa televisivo cujas bases narrativas constrói o ideário que dá suporte ao discurso *dragqueen*. A apresentadora conhecida como RuPaul (Fig. 1A) é popularmente considerada, pelo senso comum, como a *dragqueen* mais famosa do mundo. Sendo que essa apresentadora é encarnada pelo ator, ator, modelo, performer e cantor estadunidense Andre Charles (Fig. 1B) que, em 1960, nasceu na cidade de San Diego, Califórnia e, posteriormente, a partir de 1990, destacou-se no cenário artístico, principalmente com espetáculos, registros musicais, mídia televisiva e Moda.



Figura 1- A dupla persona: (A) Ru Paul e (B) Andre Charles.

Fonte: <http://urbansocialites.com/rupal-andre-charles/>

O artista Andre Charles é, portanto, uma figura emblemática da cultura Pop na atualidade. Além disso, desde o início de sua popularidade, não faz questão de afirmar-se socialmente com um gênero específico, deixando-se tratar por ele ou ela em quaisquer circunstâncias.

Andre Charles vive e atua em duplicidade de gênero, diferenciando-se sutilmente da condição tradicional de *dragqueen*, como alguém do sexo masculino que, eventual ou circunstancialmente, apresenta-se artisticamente como mulher. Há ainda outra sutil diferença com relação ao que é mais comum na cultura *dragqueen*, pois assim como outras personas *dragqueens*, RuPaul não se expressa como uma personagem feminina fortemente caricata ou burlesca. Sua estrutura física e outros recursos permitem-lhe apresentar uma imagem hiper-real de beleza, feminilidade, sofisticação e originalidade ou luxo, de acordo com os padrões visuais da atualidade.

A resposta de Andre Charles sobre ser uma *female impersonator* ou uma imitação de mulher, entretanto, é a seguinte<sup>7</sup>: “Eu não imito mulheres! Quantas mulheres você conhece

<sup>7</sup> A frase *I do not impersonate females! How many women do you know who wear seven inch heels, four foot wigs, and skin tight dresses* foi publicada na plataforma *Twitter*, na página oficial do programa *RuPaul's DragRace* pelo próprio Andre Charles, tendo sido reproduzida em *Please select your gender* (GHEROVICI, 2010). Também, a frase *I don't dress like a woman. I dress like a drag queen* também atribuída a Andre Charles e reproduzida em *Let's Talk about Sex: More Than 600*

que usam saltos de trinta centímetros, perucas de um metro e vestidos colados na pele? Eu não me visto como uma mulher; eu me visto como uma *dragqueen!* ”

Além de sua relevância cultural, a escolha desta narrativa como objeto deste estudo, que é composto pela dupla persona RuPaul e Andre Charles, deve-se especialmente à atuação social e artística idealizada e encenada como apresentadora do programa *RuPaul's DragRace*.

Para tratar do processo de significação decorrente do jogo de aparições em imagens fotográficas de Andre Charles e RuPaul, adota-se neste estudo o conceito de signo dual proposto por Ferdinand de Saussure (1857-1913), considerando-se a proposição de um significante que resulta em, pelo menos, um significado. Também, considera-se que há uma narrativa (GREIMAS, 1973), a partir do objeto complexo, que é marcado pela ambiguidade ou pela duplicidade de gênero.

Há um mesmo sujeito biofísico e psicológico que, em situações diferentes, expressa dois significantes básicos e, alternada ou concomitantemente, significa o gênero masculino e o gênero feminino. Portanto, considera-se também que há um plano da expressão e um plano do conteúdo (HJELMSLEV, 1991) específico em cada persona composta e apresentada. Mas, ainda há o fato de ambos os signos, com significante e significado próprios, serem compostos em um mesmo suporte biofísico e psicológico que, conceitualmente, é neutro, porque subjetivamente e às vezes socialmente o sujeito também se expressa como agênero ou não-binário. Isso é socialmente confirmado quando Andre Charles admite ser reconhecido como ele ou ela em quaisquer circunstâncias. Também, há diversos momentos em que, socialmente, Andre Charles apresenta-se de maneira ambígua, expressando ao mesmo tempo significantes masculinos e femininos (Fig. 2).

---

*Quotes on the World's Oldest Obsession* (ZOPOL, 2002). *Please select your gender* (GHEROVICI, 2010)



Figura 2- Andre Charles com vestimenta ambígua, posicionamento agênero ou não-binário.

Fonte das imagens: *website* br.pinterest.com

Em síntese, há um suporte humano, biofísico e psicológico, que expressa simultaneamente ou alternadamente aspectos que, socialmente e tradicionalmente, caracterizaram os gêneros feminino e masculino. As variações expressivas constituem diferentes significantes que, também, diversificam os significados possíveis. Isso constitui a alternância de signos e a passagem de estados, caracterizando uma narrativa que pode ser interpretada de acordo com o “percurso gerativo de sentido” (GREIMAS, 1973).

### 3. PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Deve-se considerar na leitura de uma narrativa os aspectos característicos de dois planos complementares: (1) o plano da expressão, que denota o significante e (2) o plano do conteúdo que propõe e revela o significado. Além disso, o plano do conteúdo é composto por

três níveis: (A) o nível discursivo; (B) o nível narrativo, e (C) o nível profundo ou fundamental. Neste artigo, a ênfase descritivo-interpretativa recai sobre o nível profundo ou fundamental.

### 3.1 Plano da Expressão.

Sobre o plano da expressão, é necessário considerar que uma narrativa pode ser percebida ou observada como uma sequência de eventos, os quais precisam ser expressos verbal ou visualmente entre outras possibilidades. Portanto, é necessário haver um “plano da expressão” (HJELMSLEV, 1991), que é composto pelo conjunto de elementos cujas características expressivas possibilitam sua observação e distinção pelos sentidos humanos.

Por exemplo, os elementos expressivos costumam ser os sons da fala no discurso oral, a tinta e os desenhos das letras nas escrituras, as linhas que configuram e preenchem os desenhos ou as manchas coloridas que compõem as imagens fotográficas. Neste artigo, são as manchas multicoloridas que, primeiramente, expressam visualmente as figuras designadas como RuPaul e Andre Charles em diferentes imagens fotográficas.

Deve-se observar as características do arranjo estético-sintático do plano da expressão. Na visualidade da observação direta, na imagem televisiva ou na representação fotográfica plana e estática, essas características decorrem das especificidades de formatos, manchas, padrões visuais e figurativos, entre outras possibilidades. Além disso, devido à prévia significação cultural, os aspectos plásticos da imagem interferem diretamente na semântica final da mensagem visual. Por exemplo, uma vestimenta colorida pode propor sentidos diversos de outra semelhante que foi colorida de maneira diferente. Também, uma imagem fotográfica em tons de preto, branco e cinzas é diferente de outra imagem colorida da mesma cena. Por exemplo, duas imagens diferentes produzidas a partir do registro de uma mesma cena com Andre Charles, pelo menos minimamente, apresentam sentidos diferentes em sua narrativa visual (Fig. 3A e 3B).



Figura 3- Fotografia de Andre Charles: (A) imagem em tons de cinza; (B) imagem em cores.

Fonte das imagens: *website* br.pinterest.com

Na comparação entre as duas imagens fotográficas de Andre Charles, sendo a primeira em tons de cinza (Fig. 3A) e a segunda colorida, com predomínio da cor rosa (Fig. 3B), observa-se que apesar da ambiguidade de gênero nas duas imagens, em decorrência da tradição ocidental relacionada à “cor de rosa”, o sentido feminino é exaltado na segunda imagem (Fig. 3B) e muito atenuado na primeira (Fig. 3A).

### 3.2. Plano do Conteúdo

Geralmente, a figura humana é o elemento central nas imagens estáticas e planas publicadas na mídia, impressa e digital, sobre as três personas suportadas pelo sujeito biofísico e psicológico Andre Charles. Na composição dessas imagens são comumente configurados os dois termos básicos (Fig. 1A e 1B) que, tradicionalmente, demarcam a

polaridade da categoria de gênero. Mas, também, aparece o termo ambíguo (Fig. 2) que, atualmente, é designado como agênero ou não-binário.

Inclusive, as imagens que interessam no contexto deste estudo são as que retratam somente Andre Charles ou RuPaul, como significantes dos gêneros masculino e feminino ou como expressão ambígua em comparação com as expressões tradicionais da dualidade de gênero. A partir disso:

- O **nível discursivo do plano do conteúdo** das imagens em estudo é principalmente composto pelas figuras de Andre Charles ou RuPaul, sendo essas caracterizadas com peças de vestuário, recursos de maquiagem e acessórios, para produzirem os sentidos, mais ou menos contundentes, de entidades masculinas, femininas ou ambíguas.
- O **nível narrativo do plano do conteúdo** também apresenta como principais *actantes* Andre Charles e RuPaul. Por meio de aparência, poses e atitudes, esses *actantes* principais também assumem o papel de enunciadore e destinadore, em interação com o contexto imediato, sendo que os possíveis futuros observadore das cenas são os enunciatários e os destinatários já previamente propostos. Também, o sujeito *actante* principal da imagem, seja Andre Charles ou RuPaul, já se apresenta em conjunção com seus objetos de desejo. Portanto, trata-se de um sujeito do querer que pode e sabe fazer, aparentando sentir-se libertado das convenções sociais e, ainda, belo, rico, sofisticado, bem-sucedido e famoso. Inclusive, esse discurso permite a atuação coerente de RuPaul como apresentadora do programa televisivo no formato de *reality-show*, com a participação de outras *dragqueens*. Além dos prêmios e benefícios imediatos, as participantes desejam se igualarem em *status* e sucesso à apresentadora. Assim, além da ênfase nos sentidos de feminino, masculino ou na ambiguidade, são evocados diversos temas e narrativas subjacentes, como beleza, originalidade ou luxo, riqueza, glamour, liberdade e sofisticação. Também, são desenvolvidas estratégias de manipulação. Nas imagens de RuPaul (Fig. 1A), a manipulação envolvida é a “tentação”, por poder expressar uma entidade altamente idealizada, como expressão estética e símbolo do hipermasculino. Nas imagens de Andre Charles, a manipulação envolvida é a “provocação”, por saber atuar com sucesso fora dos padrões tradicionais da categoria de gênero, cujo respeito e a conformidade são defendidos como valores necessários por parte dos conservadore.

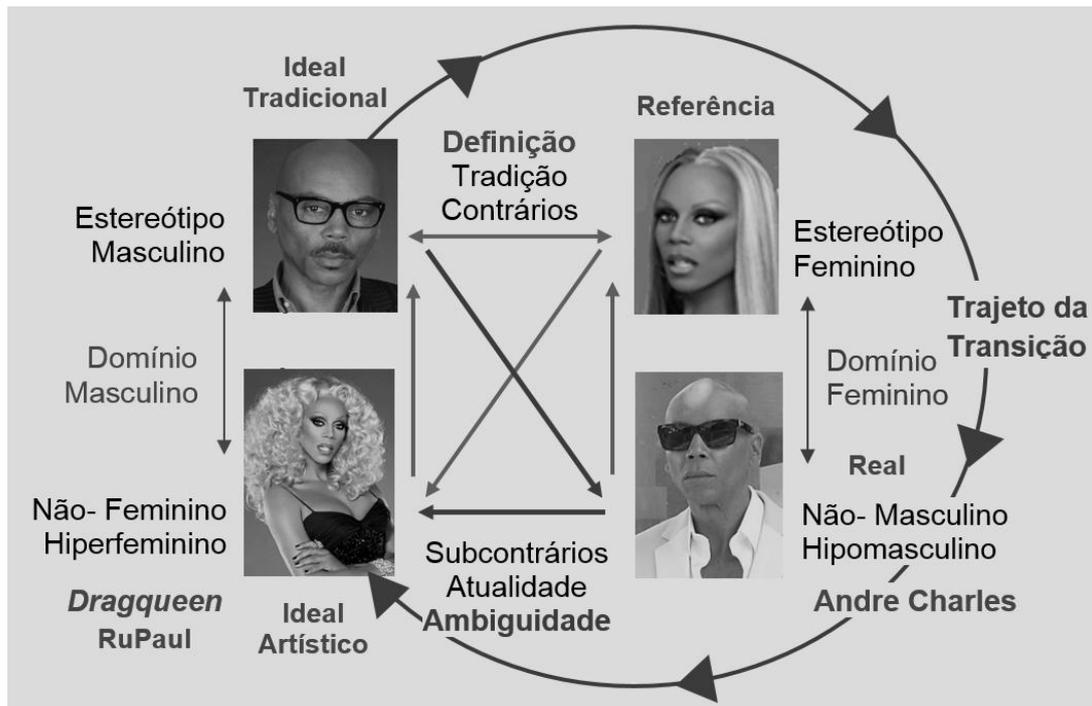


Figura 4A – Oposições e relações do nível fundamental.

Fontes das imagens: *websites* urbansocialites.com e br.pinterest.com

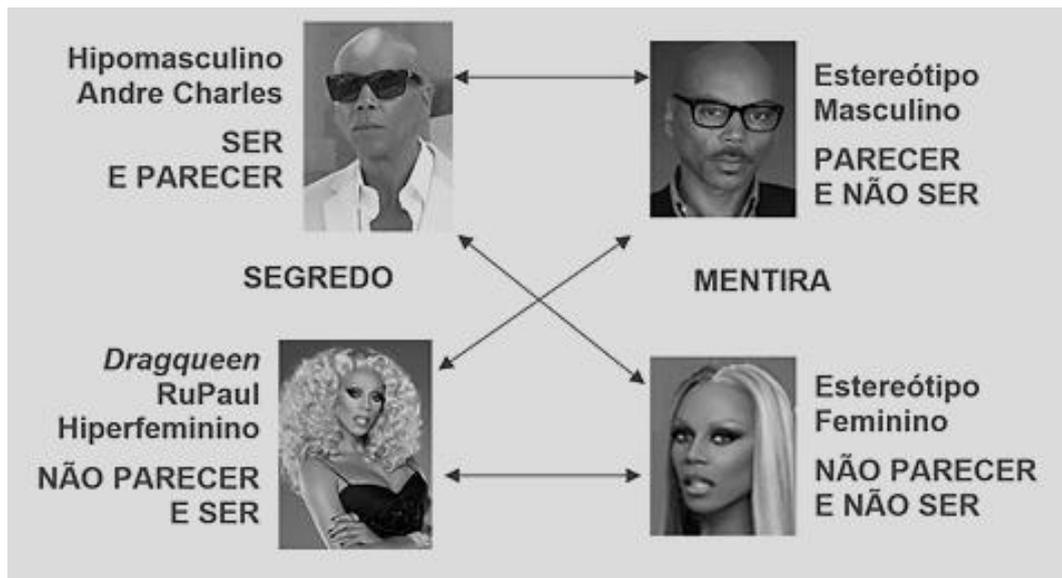


Figura 4B – Complementariedades do nível fundamental.

Fontes das imagens: *websites* urbansocialites.com e br.pinterest.com

- O **nível fundamental ou profundo do plano do conteúdo** é estabelecido na oposição dos termos contrários: masculino e feminino, cujos contraditórios são: não-masculino e

não-feminino (Fig. 4A e 4B). Em suas múltiplas entidades, como ator e performer, Andre Charles pode representar todos esses termos. Todavia, em sua narrativa sociopolítica, humana e profissional, não há um sujeito psicologicamente e socialmente definido em um gênero tradicional masculino ou feminino. Os temas profundos manifestos nessa narrativa são: “ambiguidade” e “transitoriedade”, entre os termos contraditórios ou subcontrários: não-masculino e não-feminino. Considerando-se os tradicionais estereótipos masculinos e femininos, que são respectivamente demarcados pela figura do homem másculo e viril e pela figura da mulher bela e adornada, que fisicamente mais frágil e psicologicamente mais submissa e acolhedora, as imagens de Andre Charles e RuPaul variam entre algo que poderia ser designado com hipomascuino e o hiperfeminino. Assim, em um mesmo suporte psicofísico e psicológico, os perfis clássicos de gênero, tradicionalmente designados como masculino e feminino deixam de ser os parâmetros limítrofes, sendo envolvidos por condições ambíguas, porque o hipomascuino (Fig. 2) requer e expressa o sentido feminino e o hiperfeminino (Fig. 1A) requer e expressa o sentido masculino.

#### 4. DISCUSSÃO SOBRE O NÍVEL FUNDAMENTAL

Na introdução deste artigo foi assinalado que a expressão *dragking*, é uma designação para mulheres que se apresentam como homens. Já a palavra *dragqueen* é exclusivamente indicada para nomear homens caracterizados de maneira típica, que expressam algo de feminino sem, contudo, imitar as mulheres. Inclusive, há outra expressão específica, que já foi anteriormente apresentada, para indicar os imitadores de mulheres: “*female impersonator*”.

Diante das especificações etimológicas e linguísticas, é possível considerar que as expressões verbal, conceitual e visual designadas pela terminologia *dragqueen* são tradicionalmente restritas ao sexo masculino. Na expressão física como *dragqueen*, trata-se de aludir e comunicar um sentido feminino. Mas, isso é feito de modo diferente das expressões que, tradicionalmente, foram ou ainda são comumente relacionadas às mulheres.

No contexto das ideias apresentadas neste artigo, isso é confirmado pela seguinte resposta de Andre Charles<sup>8</sup>: “Eu não imito mulheres! Quantas mulheres você conhece que usam saltos de trinta centímetros, perucas de um metro e vestidos colados na pele? Eu não me

---

8

visto como uma mulher; eu me visto como uma *dragqueen!*” Assim, mesmo as caracterizações menos histriônicas de RuPaul, ainda se distanciam visivelmente do estereótipo feminino assumido pelas mulheres.

Nas imagens de RuPaul suportadas por Andre Charles (Fig. 4A e 4B), há uma próxima ao estereótipo feminino contemporâneo, que é comumente adotado e comunicado por algumas mulheres. Mas, outra imagem caracteriza a visualidade *dragqueen*, distanciando-se dos estereótipos femininos mais comuns. Há também uma imagem de Andre Charles que se assemelha ao estereótipo masculino que, recorrentemente, é adotado por alguns homens. Mas, ainda, há outra imagem em que Andre Charles é apresentado com uma visualidade ambígua, expressando conjuntamente aspectos que, anteriormente, foram características exclusivas dos termos contrários, masculino ou feminino, na categoria de gênero. Assim, por expressar ao mesmo tempo aspectos femininos e masculinos é proposto um perfil agênero ou não binário.

A transição entre os gêneros e a ambiguidade são características profundas ou fundamentais da contínua narrativa público-midiática que alterna e contrasta as identidades de Andre Charles e RuPaul em atuações performáticas como personalidade Pop e *dragqueen*. Todavia, a transitoriedade e a ambiguidade não são delimitadas pela oposição entre masculino e feminino que, tradicionalmente, também foi demarcada pela oposição biossocial entre homem e mulher.

De acordo com a proposição deste estudo, RuPaul é midiaticamente apresentada como “hiperfeminina” (Fig. 1A), sendo isso especialmente possibilitado por aspectos masculinos de Andre Charles (Fig. 1B). Portanto, trata-se de uma figura ambígua, sendo que o suporte físico masculino potencializa e propõe a hiper-realidade feminina. Por sua vez, Andre Charles expressa de maneira recorrente aspectos que, tradicionalmente, foram considerados femininos em suas vestimentas e acessórios. Assim, diante do estereótipo masculino caracterizado por restrições cromáticas, rigidez nos formatos e expressão de força, a maneira como Andre Charles se apresenta publicamente (Fig. 2) propõe o sentido de “hipomascuino”, de acordo com o que foi proposto neste estudo. Também, trata-se de uma figura ambígua com relação aos estereótipos binários e, por isso, há um sentido visual não-binário ou agênero nas imagens públicas de RuPaul e Andre Charles.

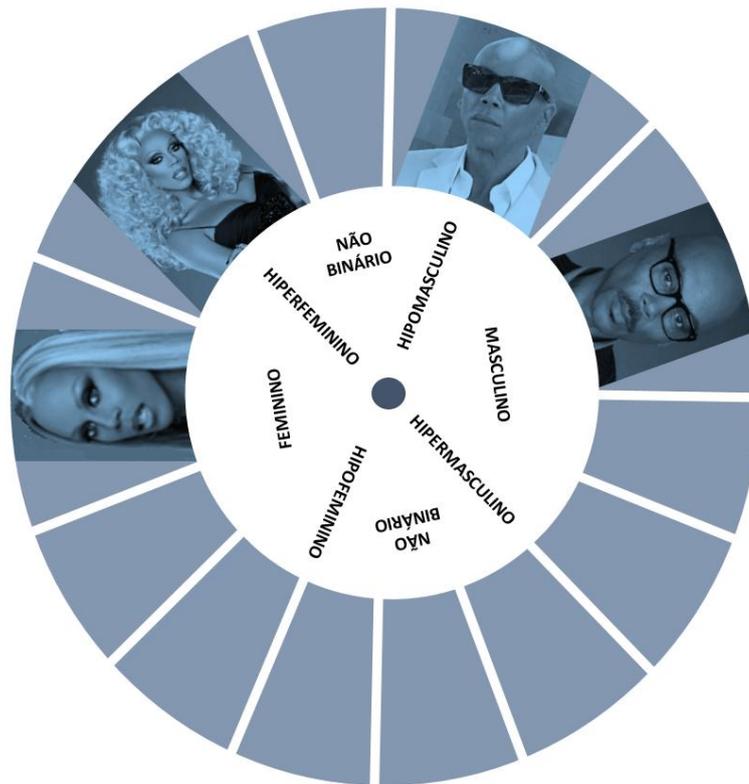


Figura 5 – A categoria “gênero”, os quatro termos básicos e os posicionamentos estudados.

Fontes das imagens: *websites* urbansocialites.com e br.pinterest.com

Tudo isso propõe uma alteração nos termos categóricos de gênero, sugerindo pelo menos quatro termos básicos, além de múltiplas possibilidades intermediárias. Os básicos são: (1) hipomasculino; (2) estereótipo-masculino; (3) estereótipo-feminino; (4) hiperfeminino. Contudo, a disposição gráfica desses termos não pode ser organizada em linha reta, devendo ser representada de maneira circular. Devido à ambiguidade, o termo hipomasculino não é diretamente contrário ou oposto ao hiperfeminino, são termos que se aproximam para fechar um círculo de incontáveis possibilidades intermediárias (Fig. 5).

Nas imagens fotográficas de Andre Charles e RuPaul, há algumas que se aproximam bastante dos tradicionais estereótipos masculino e feminino (Fig. 4A; 4B e 5). Mas, nessas imagens ainda permanecem sinais de ambiguidade, sendo que esses denunciam a representação. Portanto, com relação aos tradicionais estereótipos de gêneros, mesmo as caracterizações mais verossimilhantes sugerem mentira ou representação (Fig. 4B). Por sua vez, não há necessariamente representação nas imagens hiperfeminina de RuPaul ou hipomasculina de Andre Charles, porque essas caracterizam duas entidades autênticas,

conscientes e com relativa autonomia psicológica e social, especialmente na percepção do público.

A autenticidade de RuPaul é confirmada na sua declaração de que *dragqueen* não é uma imitação de mulher. Assim, RuPaul é o nome de uma face psicológica particular que se apresenta e atua de maneira autônoma e socialmente articulada, em situações específicas, inclusive, como apresentadora de um programa de televisão. Portanto, o estereótipo feminino é uma referência (Fig. 4A), mas não é um modelo. Sob certas circunstâncias, os exageros das *dragqueens* podem ser até mesmo observados como uma sátira ou crítica a algumas facetas do estereótipo feminino. Há facetas socialmente estereotipadas e assumidas individualmente por diversas pessoas, as quais requerem mulheres “produzidas”, com exageros de artificialidades e sacrifícios. Por exemplo, anteriormente isso foi assinalado pelos espartilhos e, atualmente, há ainda outros produtos, como os sapatos com saltos muito altos.

Nas imagens das duas entidades em estudo, RuPaul e Andre Charles há uma característica comum, que é a ambiguidade com relação aos estereótipos contrários de gênero, masculino e feminino. Todavia, apesar de ambas serem ambíguas, na condição de subcontrários do quadrado semiótico (Fig. 4A), as imagens de RuPaul e Andre Charles também são diferentes entre si, respectivamente, a imagem da primeira enfatiza o feminino e a do segundo fragiliza o masculino, mas, ainda mantém com clareza os seus registros. A ambiguidade de cada uma das figuras faz com que sentido masculino aparentemente dominante em Andre Charles influencie na imagem predominantemente feminina de RuPaul e vice-e-versa. Portanto, entre essas duas entidades há um segredo compartilhado, porque Andre Charles é RuPaul e, em alguma medida, o contrário também é verdadeiro. Assim, “ambiguidade” e “transição” ou “transformação” são temas fundamentais da narrativa pública encenada por ambos, a qual é publicamente divulgada em imagens fotográficas e textos audiovisuais, incluindo o programa televisivo

No contexto histórico-social da cultura, a demarcação de contrários, a afirmação de termos inequívocos e a estabilidade são marcas da tradição. Por sua vez, neste estudo, a ambiguidade, a transição e a dúvida são propostos como sinais de atualidade. Por isso, as imagens de Andre Charles e RuPaul representam a atualidade, diferenciando-se com relação aos termos inequívocos dos estereótipos de gênero que demarcaram a tradição (Fig. 4A).

## 5. CONSIDERAÇÕES GERAIS

De acordo com este estudo, a narrativa *dragqueen* é estabelecida na relação contraditória dos termos subcontrários não-masculino e não-feminino. Portanto, não é estabelecida na contrariedade radical e direta entre os termos masculino e feminino que, tradicionalmente, foi apoiada nos termos homem e mulher, de acordo com códigos biofísicos e psicossociais considerados culturalmente coerentes.

Assumindo-se que, tradicionalmente, o caráter feminino foi o principal atributo dos estereótipos biofísicos e psicossociais relacionados à mulher, na narrativa *dragqueen* o feminino é inspiração ou referência não realizada em plenitude, porque é sua expressão é suportada por estruturas biofísicas ou corpos tradicionalmente e socialmente considerados masculinos.

A estratégia expressivo-narrativa, portanto, consiste em dissimular ao máximo os sinais masculinos e representar de maneira maximizada o ideal ou a referência feminina. Isso resulta nos excessos decorrentes de duas necessidades complementares: (1) esconder os sinais masculinos e (2) investir na expressão do feminino. Como uma estilização que pode atingir a híper idealização ou uma caricatura propositalmente grotesca ou burlesca, os estereótipos femininos relacionados com as representações sociais de mulheres são ampliados nas proporções e formatos avantajados do suporte biofísico e no exagero dos recursos de maquiagem e figurino, os quais são necessários para sobrepor e enfatizar a expressão feminina.

Há outras questões de gênero ou sexualidade, envolvendo a transição ou a mudança definitiva de sexo ou gênero. Mas, os *performers* que, com maior ou menor frequência, transformam-se para assumir a identidade *dragqueen* não querem ser mulheres. Em geral, esses investem na expressão de uma não-relação com valores tradicionalmente atribuídos aos homens apresentados como expressões socialmente privilegiadas do masculino. Há um outro tipo de homem que expressa a identidade *dragqueen*. Em comparação direta com o estereótipo tradicional de masculino, trata-se da expressão do hipomasculino.

Para Matte e Lara (2009), o processo de vivência *dragqueen* ocorre em quatro etapas: (1) o performer percebe-se não-masculino; (2) idealiza ou virtualiza um personagem feminino; (3) assume as características expressivas necessárias; (4) completa a transição realizando uma performance *dragqueen*.

O universo cultural *dragqueen* é simbolicamente e comumente habitado por homens que, pelo menos minimamente, não se enquadram no perfil sociopsicológico já estereotipado como masculino. Portanto, isso é basicamente diferente de um ator que, devido à narrativa de um roteiro previamente produzido, deve vestir-se e atuar como mulher, travesti ou *dragqueen*, entre outras possibilidades.



Figura 6 – Painel com imagens do programa *RuPaul's DragRace*.

Fonte das imagens: *website* shows/rupauls-drag-race

Tal universo hipomascuino, que faz interagir os termos subcontrários, não-masculino e não-feminino, pode ser observado no programa *RuPaul's DragRace* (disputa de *drags* de RuPaul), que é apresentado pela *dragqueen* RuPaul (Fig. 6). Trata-se de um *reality-show* semanal com provas de canto, dança, costura, talento, humor e personalidade<sup>9</sup>, caracterizando uma competição entre candidatas *dragqueens*<sup>10</sup>. Além de publicidade e fama, a vencedora recebe um prêmio de cem mil dólares e um contrato para protagonizar a comunicação publicitária da franquia comercial patrocinadora do programa.

<sup>9</sup> Tradução livre de *charisma, uniqueness, nerve and talent*.

<sup>10</sup> Na televisão brasileira, o programa pode ser assistido no canal *Multishow* ou através da rede Internet no canal *Multishow Play* (<http://multishow.globo.com/programas/rupauls-drag-race/>),

O termo “*DragRace*” também é usado para designar competições de carros e motocicletas construídos artesanalmente. As dragqueens são especialmente montadas, assim como os veículos da competição. É interessante assinalar que a montagem e a disputa com veículos motorizados que foram artesanalmente construídos são símbolos de virilidade em diversos países além dos Estados Unidos.

. A letra da canção de abertura do programa diz literalmente “(...) Corrida de drags do RuPaul / Liguem seus motores / Que vença a melhor mulher / Senhores!”<sup>11</sup>. Assim, mesmo que nenhum homem realmente se transforme verdadeiramente em mulher na competição, fica evidenciado que a disputa é desenvolvida por cavalheiros (*gentlemen*), sendo que a vencedora será a melhor “mulher”. Isso implica na expressão e performance superfemininas que forem mais bem avaliadas pelos juízes da competição televisiva.

O modelo ideal e previamente apresentado no programa é a própria RuPaul, cujo percurso narrativo complexo assinala estratégias e requisitos de manipulação, competência, performance e sanção, os quais devem ser considerados pelos candidatos e avaliados pelos juízes. A manipulação sedutora de RuPaul, “rainha das dragqueens”, é destinada aos candidatos e ao público, oferecendo possibilidades para serem ou imaginarem ser igualmente bem-sucedidos. Para isso, deve-se desenvolver competências e realizar performances, cuja sanção eufórica é demarcada por glamour, sucesso e riqueza. De maneira semelhante aos “jogos de trilha”, o concurso é realizado em etapas que ocupam diversos programas sendo que cada candidato passa por situações de progresso e retrocesso no jogo, até ser eliminado ou vencer a competição.

De acordo com as informações que recorrentemente são comunicadas durante o programa, especialmente pela própria RuPaul, as competências básicas da dragqueen são carisma, singularidade, atrevimento e talento. Além de sedução, tentação, intimidação, sedução e provocação também são recursos de manipulação constantemente usados na realização do programa. Por exemplo, além dos prêmios principais, em cada prova específica os competidores mais bem avaliados costumam ganhar viagens, roupas, joias ou produtos de beleza. Os dois competidores que recebem as piores avaliações participam de uma disputa direta para que o vencedor permaneça na competição, sendo que o outro é eliminado.

---

<sup>11</sup> Tradução livre de *RuPaul’s Dragrace / Start your engines / May the best woman win / Getlemen!*

## 6. SÍNTESE FINAL

As *dragqueens* não caracterizam um fenômeno cultural recente, entretanto, sua presença contemporânea na mídia em geral e, em especial, no programa *RuPaul's DragRace* expõe um aspecto eufórico e espetacular, neste momento cultural marcado pelo debate público sobre transgênia, transexualidade, homoafetividade e outros temas afins.

Devido à ambiguidade de gênero implicada na transição e transformação do *performer* que assume a identidade *dragqueen*, defendeu-se que o jogo simbólico é estabelecido entre os termos subcontrários não-masculino e não-feminino. Portanto, isso não implica diretamente na contrariedade radical entre os termos masculino e feminino. Aliás, considerando-se o estatuto tradicional de distinção entre os estereótipos biofísicos e psicossociais de homens e mulheres, afirmou-se que *dragqueen* caracteriza uma identidade específica que, exclusivamente, é expressa por homens. Inclusive, trata-se de uma entidade diferenciada com relação às mulheres, aos homens travestidos que imitam mulheres (*female impersonator*) e, também, às mulheres travestidas que imitam homens (*dragking*).

As personas públicas cujas imagens fotográficas foram apresentadas e estudadas neste artigo são conhecidas como Andre Charles (*performer*) e RuPaul (*dragqueen*). É o corpo e a mente de Andre Charles que suportam, expressam e encenam a entidade RuPaul, inclusive e especialmente, como apresentadora do programa em formato de *reality-show*.

Considerou-se que os aspectos masculinos do *performer* e a necessidade de maximização dos recursos de maquiagem, vestuário e acessórios compõem a *dragqueen* RuPaul como uma discursividade hiperfeminina. Por sua vez, Andre Charles manifesta publicamente nas imagens fotográficas que registram seu cotidiano uma discursividade hipomasculina. De acordo com a mídia em geral, essa correlação tem sido socialmente bem aceita e financeiramente bem-sucedida, demarcando um momento eufórico e interessante na cultura Pop da atualidade. Além disso, o reconhecimento e a valorização social da situação ampliam e complexificam a diversidade de termos da categoria gênero humano, superando a oposição binária dos limites masculino e feminino para configurar uma continuidade circular de diversos termos.

## 7. REFERÊNCIAS

CARRARA, Sérgio [et al]. **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. v.1-6 / Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria de políticas para as Mulheres, 2010

GHEROVICI, Patricia. **Please select your gender: from the invention of hysteria to the democratizing of transgenderism**. New York/London: Routledge, 2010.

GREIMAS, A. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.

GREIMAS, A; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, v. 57, n. 73, p. 100, 1993.

HJELMSLEV, L. **Ensaio linguísticos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MATTE, Ana; LARA, Glaucia. **Um panorama da semiótica Greimasiana**. ALFA: Revista de Linguística, v. 53, n. 2, 2009.

ZOPOL, Felicia. **Let's Talk about Sex: More Than 600 Quotes on the World's Oldest Obsession**. Philadelphia: Running Press Book Publishers, 2002.